

O PREÇO DE UM SONHO: a realidade do esporte que não é mostrada pela mídia

Verônica Lima Nogueira da Silva¹

Resumo Abstract

É comum o torcedor se emocionar ao testemunhar a premiação de um atleta, elevando seu esforço a ato de heroísmo e bravura. Mas existe uma diferença entre a vida do atleta que é apresentada pelos meios de comunicação e sua vida real. Este artigo discute tais diferenças, com base em pesquisa acadêmica em que foram realizadas entrevistas com atletas e profissionais do voleibol e uma análise da cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas feita pela imprensa brasileira. Tendo como foco o indivíduo, discute-se o papel da mídia na constru-

It's not unusual for the crowd to get emotional when witnessing the coronation of an athlete, praising its effort as an act of heroism and bravery. But there is a difference between the life of athletes as shown in the media and their reality. This article discusses such differences, based on the findings of an academic research in which interviews were carried out with athletes and professionals of volleyball along with an analysis of the coverage by the Brazilian media of the Athens 2004 Olympic Games. Focused on the individual, it discusses the role the media plays in

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

ção de um discurso idealizado sobre o atleta, em que ele é elevado à condição de herói, ser talentoso e dotado de capacidades sobre-humanas. Com base em suas experiências, atletas, médicos, treinadores e outros profissionais apontam e avaliam os sacrifícios exigidos pela competição em alto nível – contusões, abandono da escola e pressão psicológica por resultados – como possíveis fontes de problemas na formação humana dos jovens atletas brasileiros.

Palavras-chave: herói, atleta e imagem midiática.

the shaping of an idealized image of athletes, through which they are raised to the status of a hero, a talented being equipped with superhuman abilities. Based on their experiences, athletes, doctors, coaches, and others sport-related professionals point out and analyze the sacrifices that come with high-level competition – injuries, dropping out of school, and psychological pressure for results – as possible sources of problems on the way for a more humanistic upbringing of young Brazilian athletes.

Keywords: hero, athlete, media image

As imagens e relatos produzidos pelos meios de comunicação de massa são representações da sociedade que os produziu. Rocha (1995) defende a existência de uma sociedade “dentro” da Indústria Cultural, que seria uma representação da sociedade moderna, criada por ela mesma. Ele identifica quatro dimensões que seriam comuns às duas sociedades – a real e a da representação – mas que teriam características diversas em cada uma delas: economia, Estado, individualismo e temporalidade. O autor tomou os anúncios publicitários como objeto de estudo, mas suas idéias foram utilizadas, com as devidas adaptações, para caracterizar a sociedade de representação do mundo do esporte.

A sociedade da Indústria Cultural é uma sociedade em que a economia está “resolvida”, ou seja, é uma sociedade de abundância, bem sucedida economicamente. No esporte, o exemplo mais explícito é o dos jogadores de futebol, cujos salários milionários são freqüentemente alardeados pelos noticiários esportivos. Rocha (1995) defende ainda que, no mundo dentro dos comerciais publicitários, os resultados econômicos não dependem de trabalho ou de esforço, como acontece na sociedade capitalista. Pelo contrário, uma “lógica impecável” garante que desejos e necessidades sejam sempre satisfeitos. “Existe alguma instância – a magia do consumo, provavelmente – que, na sua gratuidade, oferece à cultura da Comunicação de Massa

a plena satisfação do que lá dentro se define como 'necessidade'". (ROCHA, 1995, p.203).

Entretanto, no esporte, mesmo em sua representação midiática, em que salários astronômicos são tratados corriqueiramente, existe espaço para a valorização do esforço. Mesmo porque se trata de atividade física em que o atleta exige de seu corpo atuações que vão além do que um cidadão comum é capaz de realizar cotidianamente. Ainda assim, o esforço é visto de forma mitificada, como se a "lógica impecável" que é responsável pela solução dos nós econômicos da sociedade de dentro dos meios de comunicação também agisse em favor do atleta. Por essa lógica, ficaria válida a fórmula: dedicação é igual a sucesso, como se o fracasso não fosse uma possibilidade.

Ao repetir as histórias de jovens que conseguiram ascensão social por meio do esporte, enfatizando o passado pobre e as dificuldades superadas, a mídia colabora na difusão da idéia de que a fórmula acima é sempre verdadeira. Como na matéria do jornal Folha de S.Paulo, que fala justamente da mudança repentina de status social:

Novos ricos
Nova era põe dinheiro no bolso dos atletas, que vão às compras
Tempos austeros. Jades Souza usa-

va o mesmo par de tênis por um ano, às vezes até dois anos seguidos, não importa o quão surrados e encardidos estivessem. Era tudo o que sua família no Macapá podia oferecer. O nadador afirma que nunca reclamou, mas prometeu que mudaria tudo.

Cumpriu a profecia. 'Perdi a conta de quantos tênis tenho. Com certeza são mais de 15 pares', diz o atleta de 22 anos, cujo melhor resultado nos Jogos foi um 12º lugar no 4x100m livre. (ROSEGUINI, 22 ago 2004, p.3).

Na sociedade dos comerciais não há espaço para a configuração do Estado, não há disputa de poder, não há política. O vácuo de poder dispensa, conseqüentemente, a necessidade de hierarquia. "Numa palavra: naquela representação da cultura projetada pela Comunicação de Massa ninguém manda em ninguém e ninguém obedece a ninguém. Todos simplesmente aceitam o que deve ser aceitado". (ROCHA, 1995, p. 182). No universo esportivo dos meios de comunicação, o sistema hierárquico é construído em torno do atleta. Ele é a estrela principal. Em relação à estrutura real de poder, o atleta assume, também, posição privilegiada. Em arenas internacionais, ele aparece como uma espécie de diplomata, pois é por meio de sua atuação que se fará su-

bir a bandeira nacional e soar o hino da pátria. Em seu momento de glória, ele parece ser mais importante do que o próprio presidente da República, que dispõe de seu tempo para dar-lhe um telefonema de congratulações ou para recebê-lo na sede do Governo com honras de chefe de Estado. Outra prática comum é o desfile em carro aberto, coberto pela bandeira nacional, evidenciando a condição do atleta de chanceler e herói da nação.

Segundo Rocha, o indivíduo é figura central e crucial na cultura moderna, uma vez que “sofisticamos as fórmulas, os métodos, as ciências e os exercícios que visam alcançar, melhorar, conhecer, entender ou equilibrar nossos interiores e profundidades”. (ROCHA, 1995, p.165). Por outro lado, no mundo da Comunicação de Massa, o indivíduo passa a uma condição secundária, em que seu valor depende de suas relações sociais, de seu pertencimento ao todo. No caso do esporte, mesmo enfatizando a imagem de uma ou outra estrela, o atleta só tem valor por seu pertencimento a uma equipe vitoriosa ou por sua participação produtiva em um torneio importante. Um atleta como o tenista Guga só ganha notoriedade, centralidade nos noticiários, em função de seus resultados, que são, por sua vez, equacionados dentro de um contexto mais amplo, um torneio

internacional de tênis, por exemplo, do qual participam outros atletas. Sua relação com eles, da qual advém a vitória, é o que lhe confere valor.

Uma diferenciação importante que deve ser feita é entre o “atleta-herói”, ser dotado de “talento e habilidades sobre-humanas”, e o “atleta-indivíduo”, ou seja, o ser humano, aquele que tem necessidades, desejos e dificuldades. Muito freqüentemente, as necessidades do indivíduo são relegadas a um segundo plano em prol dos objetivos estabelecidos para o atleta. Em sua representação midiática, o atleta é um ser emocionalmente resolvido cuja única preocupação ou necessidade é a de conquistar resultados positivos. Muito raramente os problemas que afligem o indivíduo são pauta para os noticiários esportivos, e, ainda assim, só o são quando interferem diretamente no desempenho do atleta. Tais problemas envolvem aspectos cruciais da vida deste ser humano que se empenha em atender às expectativas nele depositadas por técnicos, dirigentes e torcedores, tais como saúde, relações familiares e sociais, educação e vida pós-esporte.

Segundo Rocha (1995), a publicidade trabalha com a idéia de temporalidade cíclica. As sociedades que utilizam esse conceito de tempo o fazem na observância dos movimentos cíclicos da natureza, em

que dois termos – o dia e a noite, a seca e a chuva, o frio e o calor, etc. – se alternam indefinidamente. Já nas sociedades modernas capitalistas há a necessidade de se contar os dias, os meses e os anos, de modo a organizar os acontecimentos em um sistema linear. Só assim é possível haver conceitos como passado, presente e futuro, que são interligados pelo fio da continuidade. As duas maneiras de se compreender o tempo não são excludentes. O que ocorre é a dominância de uma delas, que se apresenta em uma determinada sociedade de forma mais explícita e consciente. No caso da representação midiática do esporte prevalece a visão cíclica, em que anos de Olimpíadas se alternam com anos sem Olimpíadas.

A linearidade existe e pode ser percebida na contagem das edições dos Jogos – em 2004 foi realizada a 25ª da era moderna – e na evolução das marcas dos atletas e das tecnologias de transmissão dos eventos. Mas, a cada nova edição, a abordagem dos veículos de comunicação para a cobertura jornalística e para a exploração publicitária é praticamente a mesma. Alguns padrões são facilmente percebidos: história dos Jogos durante os meses que antecedem a competição; perguntas sobre temas relacionados para incitar a interatividade com o público; constante referência aos deuses gregos,

aos quais está associada a origem do evento, e comparação com os próprios atletas; listagem dos grandes campeões de todos os tempos, com destaque para os brasileiros; reportagens especiais com os atletas considerados com mais chances de conquistar medalhas na edição que se aproxima; divulgação diária do quadro de medalhas; mesas-redondas com atletas, ex-atletas, técnicos e comentaristas antes, durante e após as competições; curiosidades sobre o país e a cidade-sede.

Como esta visão cíclica do tempo não enfatiza a linearidade dos fatos, “viagens no tempo” tornam-se simples e corriqueiras. Como explica Rocha (1995), é possível transportar-se tanto ao futuro quanto ao passado e também reuni-los no presente. Tais passeios pelo ontem, hoje e amanhã são moeda corrente na representação midiática do esporte, que não perde a oportunidade de achatar a linha do tempo. Os avanços tecnológicos dos veículos de comunicação, por exemplo, tornam possível o que seria inimaginável dentro da linearidade da concepção contemporânea de tempo.

A aproximação de campeões de diversas gerações é muito explorada por programas especializados em esporte. Em 2004, por exemplo, o maior adversário do nadador norte-americano Michael Phelps não foi o australiano Ian Thorpe nem o

holandês Pieter Van Den Hoogenband. Tampouco foi o brasileiro Thiago Pereira. Todos eram importantes competidores nos Jogos Olímpicos de Atenas. A impressão deixada pelos principais jornais brasileiros era a de que o nadador americano, de 19 anos, competia mesmo contra o compatriota Mark Spitz, ex-nadador que conquistou sete medalhas de ouro e quebrou sete recordes mundiais em sete provas disputadas. Tudo durante a mesma edição dos Jogos, a de Munique, na Alemanha, em 1972. As expectativas eram de que Phelps conseguisse, em Atenas, bater o recorde de Spitz e vencer as oito provas das quais participaria. “Num esporte em que a maioria dos atletas ficaria feliz em se classificar para uma única modalidade, ele disputa oito medalhas em Atenas – o mais fascinante é que seu objetivo é ganhar cada uma delas e, assim, bater o recorde de seu conterrâneo Mark Spitz”. (SCHELP, 18 ago 2004, p.93).

A aproximação de diferentes eras coloca o esporte, em sua representação midiática, em um estado de eterno “presente”. Assim como personagens do passado podem ser “ressuscitadas” e trazidas para atuar diretamente no tempo presente, também “futuros campeões” são precocemente idolatrados. O jornal Hoje em Dia, por exemplo, publicou, apenas seis dias após o término das Olimpíadas de Atenas,

reportagem sobre os possíveis campeões dos Jogos de Pequim, a serem realizados em 2008:

Mas quem serão esses atletas? Talvez o triatleta Thiago Vinhal, de 20 anos. Também o corredor Francisco Souza, de 22 anos, e o judoca Mateus Seix Costa, de 16. Ou até mesmo a nadadora Renata Favilla, de apenas 13 anos, que até lá já terá idade para competir entre os grandes em Pequim, mas poderá representar o Brasil melhor nos jogos de 2012. (SILVA, 6 set 2004, p.4).

O nivelamento entre passado, presente e futuro é indicativo das características apontadas por Rocha (1995) como determinantes da percepção cíclica do tempo: a permanência e a eternidade. Esse é também o princípio que rege o mito do herói, que eventualmente é imortalizado. A diferença é que a intervenção linear da concepção capitalista de tempo faz com que um ídolo seja sucessivamente substituído por outro, com prejuízo apenas para o indivíduo que é abandonado no passado. É assim que a “Isabel do vôlei” é substituída pela “Leila do vôlei” e esta pela “Mari do vôlei” ou pela “Fabiana do vôlei” – citando duas atletas que no momento se destacam e podem vir a se tornar ícones desta modalidade –, levando as Isabéis, Leilas e Maris ao esquecimento.

Discurso idealizado

Em análise da cobertura das Olimpíadas de Atenas, percebeu-se que o discurso produzido pelo jornalismo esportivo era pontuado por determinados termos e expressões que, repetidos à exaustão, conferiam “emoção” ao relato. Três desses vocábulos ilustram o papel deste discurso dramatizado na construção midiática da imagem do atleta: sonho, esperança e herói. O atleta jovem sonha em ser um grande campeão. O campeão sonha em conquistar o título que lhe falta. O treinador sonha em levar sua equipe ao lugar mais alto do pódio. Eles são depositários das esperanças de conquista de medalhas para o país. Sendo assim, após a vitória, tornam-se heróis nacionais.

O sonho pode ser o da ginasta Daiane dos Santos: “Em uma final, a exigência das juízas é tão grande que Daiane ainda ficou em quinto lugar, com sua nota de 9,375. O tão sonhado ouro foi para a estrela da ginástica em Atenas, a romena Catalina Ponor”. (DRUMMOND, 24 ago 2004, p.6). Expectativas existem em relação à atuação de atletas jovens, como o nadador Thiago Pereira, que, aos 18 anos, acabou em quinto lugar na disputa dos 200m medley nas Olimpíadas de Atenas: “Principal revelação da natação brasileira, desde o aparecimento de Gustavo Borges e Fernando

Scherer no início da década de 90, Thiago era o dono da terceira melhor marca da temporada até o início dos Jogos e a maior esperança de medalha da equipe”. (DRUMMOND, 20 ago 2004, p.3).

Vários atletas brasileiros foram honrados com o título de herói durante os Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004: o iatista Torben Grael, ao tornar-se o maior medalhista olímpico brasileiro (duas de ouro, uma de prata e duas de bronze, em seis participações em Olimpíadas, de 1984 a 2004); o também iatista Robert Scheidt, ao conquistar o primeiro ouro de Atenas e igualar o feito do saltador Adhemar Ferreira da Silva, até então o único brasileiro bicampeão olímpico; a seleção masculina de vôlei, ao conquistar também o bicampeonato em 2004 (havia vencido em 1992, nos Jogos de Barcelona).

O herói mítico possui duas virtudes básicas: a honorabilidade pessoal e a superioridade em relação aos outros mortais. No atleta moderno, essa superioridade pode ser entendida de duas formas. A primeira é o talento. Para Helal (2003), o talento é tão valorizado atualmente que chega a suplantiar o esforço e a determinação. Caracterizar um jogador de futebol como “esforçado”, por exemplo, pode ser uma grande ofensa, pois seria o mesmo que dizer que ele não é talentoso. A se-

gunda é um biótipo adequado à modalidade esportiva escolhida, como o do norte-americano Michael Phelps, que, segundo reportagem especial da revista *Veja* sobre o atleta, “tem todos os atributos de um nadador ideal”. (SCHELP, 2004, p. 95).

Em geral, o herói descende da alta nobreza, fruto da relação de um deus com uma mortal ou o contrário. Nesta dualidade, ele se diferencia dos deuses por sua mortalidade e se afasta dos homens por sua extraordinária capacidade de realizar feitos impensáveis a um ser humano. Grandes guerreiros, os heróis eram guardiões das cidades e protetores dos homens. No Brasil, é comum a vitória esportiva em competições internacionais ser vista como a redenção de um povo que sofre com dificuldades de caráter socioeconômico. Nesse contexto, os responsáveis por ela são içados ao posto de heróis nacionais e o sentimento nacionalista e patriótico da população se torna mais evidente. Como comprova o texto do anúncio do supermercado Pão de Açúcar, publicado no jornal *Folha* de S.Paulo do dia 30 de agosto de 2004, um dia após a maratona em que o corredor brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima perdera a liderança devido à intervenção do fanático religioso irlandês Neil Horan, a menos de seis quilômetros da linha de chegada: “Vanderlei, 180 milhões de pessoas acordaram hoje ain-

da mais orgulhosas de ser brasileiras”. A fala de Giba, campeão e eleito o melhor jogador do torneio olímpico de vôlei, em 2004, revela que, muitas vezes, os atletas assumem, por si próprios, essa condição. “Minha emoção é que, a cada campeonato, vejo a bandeira do Brasil e penso que somos um povo sofrido, que enfrenta muitas dificuldades. Rezo, converso com Deus, olho para a bandeira e prometo fazer 100% para ela subir ao lugar mais alto”. (NOGUEIRA, 30 ago 2004, p.6).

Depois de cumprir com suas “obrigações” de guardião e protetor dos mortais, ao herói é geralmente dada a benção da imortalidade. Eliade (citado por BRANDÃO, 1992) explica que a pós-existência do herói depende dos restos, traços ou símbolos de seus corpos, que são impregnados de temíveis poderes mágico-religiosos. Na modernidade, também o atleta é imortalizado, como aconteceu, por exemplo, com o piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna. O local do acidente que o matou e seu túmulo são ainda visitados por fãs do mundo inteiro. O que não significa que o atleta precise morrer para ser heroicizado. Ainda vivo, Pelé foi mitificado como o melhor jogador de futebol de todos os tempos. Mesmo longe dos gramados, ele exerce a função heróica de elevar o nome de sua nação e de seu povo, uma vez que suas habilidades são

reconhecidas em todas as partes do mundo. A morte de sua porção humana, entretanto, é a “prova final” do herói e acontece, geralmente, de maneira traumática e violenta ou em absoluta solidão. A carreira do atleta pode ter como causa mortis diferentes fatores, como uma contusão grave, a idade ou o surgimento de um novo herói, mais jovem e disposto a substituí-lo, e será, via de regra, difícil e tensa.

A representação do atleta na mídia

Em face da impossibilidade de transformar em notícia tudo que acontece no mundo, o jornalismo trabalha com o conceito de noticiabilidade, que seria o conjunto de fatores que guiam a escolha de quais acontecimentos entrarão no noticiário. Além dos critérios de relevância dos próprios jornalistas, a escolha depende de processos e práticas de produção jornalística e dos valores-notícia. Os aspectos intrínsecos do jornalismo não são, entretanto, os únicos a influenciar o agendamento midiático. Os interesses de atores do universo esportivo, midiático e público estruturam suas respectivas agendas, pressionando as agendas uns dos outros concomitantemente. Em outras palavras, não são os aspectos culturais

e lúdicos do esporte, tampouco os relacionados ao bem-estar dos atletas, que determinam isoladamente as escolhas da produção comunicacional sobre ele, mas os interesses de vários outros grupos, tanto públicos quanto privados.

Tendo em vista a necessidade por parte da produção jornalística de selecionar os acontecimentos que serão noticiados, analisou-se o conteúdo publicado a respeito do esporte no Brasil a fim de descobrir quais têm sido as escolhas feitas pelos veículos nacionais a respeito do tema e seu respectivo enquadramento. Em outras palavras, quais aspectos da realidade do esporte foram selecionados para receber maior destaque no texto comunicativo.

De acordo com o assunto principal de cada matéria, ou seja, aquele expresso no título, bigode e lead, foi possível organizar as 169 matérias e 206 notas publicadas entre os dias 12 e 30 de agosto de 2004 no caderno especial “Olimpíadas 2004”, do jornal Estado de Minas, em quatro grupos: Factual – resultados das competições; programação: quem joga, contra quem, quando e onde; chegada e partida de competidores de Atenas. Atuação – resultados, positivos ou negativos, e expectativas quanto a resultados positivos, com ênfase na atuação de atletas e equipes; matérias especiais sobre atletas conside-

rados como possíveis vencedores nos Jogos. Curiosidades/Casualidades – fatos e curiosidades sobre a realização e a organização dos Jogos; eventos imprevisíveis relacionados direta ou indiretamente às competições. Crítica – abordagem de problemas que afligem a realidade do esporte, posicionamento crítico-construtivo em relação a eles.

A leitura das matérias e notas revelou o direcionamento da cobertura dos Jogos Olímpicos daquele ano para a atuação dos atletas. Tanto antes das competições, quando as reportagens falavam das expectativas em torno de possíveis resultados positivos, quanto no momento em que elas foram ou não correspondidas, a ênfase dos relatos recaiu sobre as habilidades e potencialidades dos atletas e suas equipes. Pode-se perceber que 58% das matérias se encaixaram na categoria Atuação. Em segundo lugar, vieram as matérias factuais (28,5%), designadas a manter o leitor informado a respeito do andamento das competições. Curiosidades e eventualidades ficaram em terceiro lugar, representando 9,5% das reportagens. Dentre as notas, as campeãs foram as factuais (53%), o que é natural, dado que este formato visa, geralmente, a informar de forma rápida e objetiva. As categorias Curiosidades/Causalidades (29%) e Atuação (17%) ficaram em se-

gundo e terceiro lugares respectivamente.

Os resultados mostraram-se ainda mais coerentes com a hipótese de que os meios de comunicação idealizam a imagem do atleta ao revelar que apenas 5% das matérias e notas evidenciaram algum aspecto correspondente à real situação dos atletas que competiam em Atenas, de seus similares no Brasil e do esporte. Pode-se dizer, ainda, que não houve posicionamento crítico em relação aos dilemas que afligem os esportistas nacionais. De fato, o mais perto que se chegou de uma postura crítica foi em matéria sobre a equipe de futebol feminino. Ainda assim, mesmo denunciando a condição de prática do esporte no Brasil, o objetivo real do texto parece ter sido mais o de exaltar o feito das jogadoras, que driblaram todas as dificuldades citadas para chegar a uma final olímpica: “É a modalidade nacional em pior situação, pois não tem qualquer estrutura e nem mesmo um campeonato regular, e a medalha de ouro, se conquistada, será um grande passo para a realização do sonho maior: a sua afirmação no Brasil, podendo assim receber o incentivo necessário”. (DRUMMOND, 26 ago 2004, p.3).

Com base nos dados coletados, concluiu-se que o foco da cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas, na Grécia, realizada pelo jornal Estado de Mi-

nas, foi a atuação heróica de atletas e equipes que lutaram para alcançar o sonho da vitória e, assim, corresponder às esperanças da nação.

A face humana do atleta-herói

A associação entre prática esportiva e saúde física e mental é bastante comum e, de modo geral, pode ser tida como verdadeira. Vários são os estudos que comprovam os benefícios para o corpo e para a mente da atividade física regular e moderada. Todavia, segundo o médico Nelson Biasi², o esporte competitivo de alto nível exige daqueles que se aventuram a praticá-lo esforços que levam o corpo humano ao extremo de suas capacidades. "O atleta de alta performance, hoje em dia, o atleta de elite, esse joga no limite. Isso é ponto pacífico. Porque o limite é que vai dizer se ele vai ganhar um segundo, se ele vai ser vencedor ou não". (BIASI, 28 jun 2004).

A "superação de limites", tão freqüentemente alardeada como obra corriqueira do atleta-herói, pode causar fortes impactos na saúde do atleta-indivíduo. Biasi explica

que atletas de alta performance têm muito mais lesões degenerativas do sistema locomotor na idade adulta do que o não-atleta, o indivíduo comum. A jogadora de vôlei Kely Kolasco Fraga³ confirma o prognóstico: "Hoje eu tenho 29 anos, tenho dois parafusos no ombro, três cirurgias (...) fratura por estresse nas canelas, no halux, no alelo lateral. Rompimento retro femural, cinco centímetros". (FRAGA, 2 jul 2004).

Contudo, é ainda no momento de formação do atleta que problemas físicos começam a aparecer. Segundo Nelson Biasi, lesões por esforço repetitivo, como tendinites (inflamações nos tendões) e fraturas por estresse, são comuns em crianças e adolescentes atletas que são submetidos a grandes cargas de treinamento. Para evitar este tipo de lesão, o ideal seria, de acordo com o preparador físico Paulo César Vieira⁴, que se respeitasse a fase biológica do atleta em relação à faixa etária em que se encontra e sua individualidade, pois cada um responde ao treinamento em um ritmo diferenciado. Muitos profissionais questionam a excessiva valorização do resultado nas categorias de base, mas "se o clube tem uma estrutura

² Atleta profissional. Medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000.

³ Oito anos de trabalho com equipes de voleibol profissionais e seleções de base.

⁴ Atleta da seleção brasileira juvenil em 2004. Atua profissionalmente.

muito boa e perde um jogo ou um campeonato para uma equipe que tem uma estrutura inferior, isso para o clube, para quem está dirigindo, é um absurdo". (VIEIRA, 24 jun 2004).

Para jogar "no limite", o atleta precisa exigir muito de seu corpo. Ele frequentemente sente dores brandas nas articulações e acaba aprendendo a conviver com elas. Porém, submetido a pressões por excelência e resultado, o atleta acaba por estender seu limiar de dor, perdendo os parâmetros do que, para ele, seria insuportável. Um bom exemplo é o de Mariana Alves Cassemiro⁵. Em 2004, ainda na categoria infanto-juvenil, mas participando de um torneio com a equipe adulta do clube em que jogava, passou a ser muito exigida na função de atacante durante os treinos, por falta de outras jogadoras para revezar com ela na posição. "Fiquei na pressão (...) então eu fui agüentando até o meu máximo. Daí chegou um ponto que eu não agüentava nem levantar o ombro mais". (CASSEMIRO, 9 out 2004). Mariana diz não ter revelado a dor antes de chegar ao ponto crítico por dois motivos: medo de ouvir do técnico que ela não deveria reclamar de uma "dorzinha" e o receio de ficar parada e perder uma oportunidade de jogar.

Para vencer a dor, o atleta deve aprender a superar não apenas seus aspectos físicos, mas, principalmente, os psicológicos. Além do desejo de permanecer em quadra para não perder sua posição na equipe, entregar-se à dor pode ser um sinal de fracasso. Quando jogava na categoria juvenil, Lira Bastos Moreira Ribas⁶ operou o joelho direito e ficou dez meses em recuperação, longe dos treinos. Ao reiniciar as atividades, sabia que ainda sentiria, por algum tempo, as dores do processo pós-operatório. Mesmo assim, ela se lembra de que o treinador não lhe deu trégua: mandou que ela repetisse um exercício várias vezes. Ela o avisou que sentia muita dor, mas ele fez com que treinasse por mais meia hora após o fim da sessão.

Nossa senhora, eu achei que o técnico ia me bater. Porque ele começou a juntar um tanto de coisa (...) que todo atleta sente dor e que se eu era fresca eu não tinha que jogar vôlei e começou a levar para o outro lado. Falou que eu era muito baixa para jogar de meio. (...) Que eu não conseguia jogar direito e eu ainda com aquela dor, se eu não treinasse mais do que todo mundo, aí que eu não ia melhorar mesmo. Aí que eu não ia jogar. (RIBAS, 13 jul 2004).

⁵ Sete vezes em seleções nacionais e estaduais de base. Atua profissionalmente.

⁶ Atleta da seleção brasileira juvenil de 2004. Atua profissionalmente.

A partir de então, Lira decidiu que continuaria treinando, mesmo sentindo dor, sem reclamar. Desrespeitando o processo de recuperação, o joelho não apresentava melhoras. “Cada vez que eu falava que estava com dor, ele falava que era frescura. Aí eu queria treinar mais. Aí ele puxava mais meia hora depois do treino. Isso num excesso que eu levo até hoje no meu joelho”. (RIBAS, 13 jul 2004).

O regime de concentração utilizado nas seleções nacionais de base também é fator que gera tensão nos atletas jovens. Quando se trata de campeonatos sul-americanos, que são realizados nos anos pares, os atletas ficam de três a quatro meses na seleção. Nos anos ímpares, quando da disputa dos campeonatos mundiais, o treinamento dura de quatro a seis meses. A preparação acontece no Centro de Desenvolvimento de Voleibol de Saquarema, um complexo com as instalações e equipamentos necessários para o treinamento das seleções brasileiras de todas as categorias, inaugurado em agosto de 2003, pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), em Saquarema (RJ). Até então os atletas ficavam alojados em ginásios ou hotéis.

Em 1997, a preparação da equipe da categoria infanto-juvenil para o campeonato mundial durou oito meses e foi feita no ginásio

Mineirinho, em Belo Horizonte (MG). Tudo era feito ali mesmo: dormiam no alojamento do ginásio, comiam no restaurante que fica no estacionamento e treinavam em um ginásio anexo. “Quando não estava treinando, a gente estava dentro do alojamento, sem poder fazer nada. Nem televisão não tinha. (...) A gente não podia sair porque o nosso técnico era meio ciumento. A gente não podia sair, não podia ficar com ninguém. Namorar, nada disso”. (RIBAS, 13 jul 2004).

Além da “clausura”, a imposição de certas regras de conduta – não poder sair nem namorar, usar sempre o mesmo uniforme, fazer todas as atividades extraquadra acompanhado do restante da equipe –, as restrições alimentares, a intensa rotina de treinamentos – cinco a seis horas diárias, em dois períodos, intercaladas com sessões de psicologia e fisioterapia, reuniões com o grupo e preleções –, e a pressão por resultados são os fatores mais estressantes da preparação do atleta. A privação de uma vida social “normal” na juventude, com tempo livre para sair e se divertir, pode contribuir para um sentimento maior de estresse na vida adulta. Lira Ribas começou a jogar aos 12 anos de idade e enfrentou esta rotina de seleções (estaduais e nacionais, em uma média de duas por ano) dos 14 aos 19 anos. Para a jo-

gadora, esta é a razão do estresse que ela diz sentir hoje. "Não é possível que eu tenho estresse tão nova, com 23 anos. Se eu for jogar até os 30, faltam sete anos ainda. Eu não quero mais sete anos desse sofrimento. (...) Acho que se eu não tivesse pego seleção, eu acho que eu não seria tão estressada assim". (RIBAS, 13 jul 2004).

Devido à concentração da economia brasileira nas regiões Sul e Sudeste, a estrutura física e financeira para a prática do voleibol também converge para esses centros. Dentre as 20 equipes (11 masculinas e nove femininas) que disputaram a temporada 2004/2005 do principal torneio profissional do país, a Superliga, sete eram de São Paulo, quatro do Rio Grande do Sul, três do Rio de Janeiro, três de Minas Gerais, duas de Santa Catarina e uma de Brasília. Vale notar que todas as equipes gaúchas e catarinenses eram masculinas e todas as cariocas, femininas, o que leva a um quadro ainda mais restritivo. Desta forma, é inevitável, para um atleta jovem que começa a se destacar no vôlei, principalmente por meio de convocação para uma seleção brasileira de base, que ele saia de sua cidade natal ainda na adolescência e vá para um grande centro.

Abandonar a casa dos pais pode ser um passo muito difícil e exige muita maturidade por parte do jovem, um grau de responsabilidade que nem eles sabem se estão prontos para assumir. Como mostra o relato da jogadora de vôlei Nina Fernanda Afonso⁷: "Eu acho que não existe uma pessoa que tenha 16, 17 anos que faça o que a gente faz. Que é sair de casa, morar sozinha, tem que cuidar das contas, tem que cuidar do quarto, tem que lavar a roupa, tem que fazer um monte de coisa". (AFONSO, 9 out 2004). Aprender a se virar sozinho pode não ser tão ruim, mas associada ao desgaste físico e psicológico do treinamento, além da falta do afeto e apoio dos pais, a distância de casa pode ser bastante estressante. Como expressam as jogadoras da seleção brasileira de voleibol juvenil Ana Tiemi Takagui⁸ e Mariana Alves Casseiro. "Às vezes nada está dando certo, você fala meu Deus, eu tenho 16 anos, por que eu tenho que fazer isso aqui"? (TAKAGUI, 9 out 2004) "Às vezes dá vontade de pegar as coisas todas e ir embora para casa. Ai, chega, eu quero ir embora, quero desistir disso aqui, muitas vezes dá". (CASSEIRO, 9 out 2004). O psicólogo Carlos Eduardo Pires e

⁷ Atleta da seleção brasileira de voleibol juvenil em 2004. Atua profissionalmente.

⁸ Psicólogo de seleções brasileiras de base em campeonatos mundiais em 1996 e em 2003.

Albuquerque⁹ ressalta que, mesmo responsáveis e capazes de cuidar de si mesmos em uma cidade distante, esses atletas não deixam de ser adolescentes que precisam de supervisão e orientação dos adultos. Ele explica que, como são pessoas saindo de uma fase de meninice para uma fase adulta – o atleta que entra em uma equipe muito competitiva e de alto nível, em que há muita cobrança, pode pular uma certa fase do amadurecimento, caso o processo seja mal conduzido – eles têm muito medo e algumas questões emocionais precisam ser bem elaboradas com a ajuda de uma figura paterna. E o treinador é quem acaba assumindo o papel de pai para muitos deles.

Nesse contexto, o importante é que o treinador não perca de vista sua função de educador. Para o técnico Antônio Marcos Lerbach¹⁰, “o verdadeiro significado do educar” é a transferência de valores, pois, quando o treinador transmite valores positivos através de sua postura, ele conscientiza o atleta e o prepara para contribuir para a discussão de questões importantes da sociedade em que vive.

Quando a gente fala de valor, nós estamos aqui, num mundo capita-

lista, preocupados em transmitir, por exemplo, o valor de comunidade, o valor de que nós temos que trabalhar em conjunto, em sociedade para poder alcançar determinados objetivos que vão atingir o bem-estar de todos. E de repente isso vai de encontro, choca com os valores que são transmitidos hoje, principalmente no Brasil, que é você ganhar dinheiro o mais rápido possível. Então, quer dizer, o nosso esporte tem até contribuído muito para isso. (LERBACH, 22 jun 2004).

“O segundo lugar é o primeiro dos perdedores”. “Ninguém se lembra do vice”. “Eu prefiro ficar em terceiro lugar do que em segundo, porque assim termino o campeonato ganhando.” Essas frases, corriqueiramente repetidas no mundo do esporte, são ilustrativas da cultura ocidental que enfatiza a vitória. A imprensa também tende a valorizar apenas os melhores. De 1991 a 2004, as seleções brasileiras juvenis de voleibol masculino chegaram ao pódio de todos os campeonatos mundiais disputados no período (acontecem a cada dois anos), ficando, na maioria das vezes, no primeiro ou segundo lugares. Segundo o técnico Antônio Marcos Lerbach, que esteve à frente de todas essas equipes, o

⁹ Treinador da seleção brasileira juvenil de vôlei masculino desde 1991.

¹⁰ Treinador de seleções brasileiras de base. Dirigiu a equipe adulta nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992.

tratamento dispensado pela mídia aos campeões era extremamente diferente do recebido pelos vice-campeões. Em 2001, por exemplo, a equipe foi campeã mundial juvenil. Na edição seguinte do torneio, em 2003, os brasileiros ficaram com o segundo lugar, tendo perdido a final por um placar apertado: 3 sets a 2.

Em 2001, tinha um batalhão de repórteres nos esperando no aeroporto. Em 2003, não tinha nenhum. Em 2001, esse pessoal ficou ligando para a minha casa durante uns 15 dias, eu participei de uma série de programas de televisão, Rio, São Paulo, Belo Horizonte. 2003, não fui chamado para nenhum deles. Só foi dada uma pequena nota, 'Brasil vice-campeão mundial'. (LERBACH, 22 jun 2004).

Para o psicólogo Carlos Eduardo Pires e Albuquerque, a ênfase no primeiro lugar vem de muitos séculos, desde as Olimpíadas gregas, passando pelos conquistadores romanos. "E isso aí tem aspectos psicológicos muito entranhados, muito fortes. Desde pequeno você vai aprendendo: papai e mamãe só vão gostar de mim se eu for primeiro lugar. Depois o técnico só vai gostar se eu for dos primeiros e aí vai". (ALBUQUERQUE, 24 jun 2004). O psicólogo explica que o grau de exigência chega a tal ponto que, para certos atletas, não há mais necessidade

que ela venha de fora. Ele mesmo se encarrega de se martirizar. Somando isso ao próprio desejo do jovem de participar das principais equipes e tornar-se um campeão, chega-se a uma competição pouco ética, em que o atleta tenta sobreviver e conquistar seus objetivos sem se importar com os meios. "A vitória a qualquer custo, em toda a história do ser humano, foi sempre desastrosa. Então, uma coisa fundamental na formação desses jovens é entender que é importante você perseguir os fins, mas não é só o resultado que interessa". (ALBUQUERQUE, 24 jun 2004) Longe de casa, da influência formatadora dos pais, e exposto à moral da vitória a qualquer preço, a formação do caráter desse jovem atleta fica seriamente ameaçada.

Ao analisar o quadro que leva o atleta adolescente a abandonar a casa dos pais, percebe-se que há outra consequência desta mudança: a evasão escolar. A transferência para uma equipe maior e melhor geralmente implica no início de uma relação financeira do atleta com o clube, seja por meio de uma simples ajuda de custo, seja pela assinatura de um contrato profissional. Como muitos desses atletas chegam para integrar não apenas a equipe de sua categoria, mas a adulta também, passam a treinar em mais de um período. Equipes profissionais treinam de manhã e à noite. Geralmente, o atle-

ta continua estudando, mas em períodos de muitas competições e viagens, ele acaba perdendo dias, semanas ou meses de aula. Eventualmente, abandona totalmente os estudos.

Uma convocação para a seleção brasileira representa uma estada de três a seis meses no novo centro de treinamento construído pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). O complexo é dotado de toda a estrutura necessária à preparação física, técnica e tática dos atletas, mas ainda não oferece a possibilidade de que estudem. O problema esbarra em questões legais, como explica o técnico Wadson Lima¹¹: “Não há compatibilidade de currículo e não há uma legislação hoje que possibilite a elas levar o resultado do período escolar que elas por ventura façam aqui para continuar prestando o atendimento ou a conclusão do seu curso ou do seu ano escolar, quando retornar aos clubes”. (LIMA, 13 jul 2004). A lei só garante o direito ao abono de faltas. A recuperação do conteúdo perdido depende do interesse e do esforço do aluno, da complacência do técnico e da boa-vontade da escola em repassar a matéria e flexibilizar datas e métodos de avaliação. Como

no Brasil não há diálogo entre esporte e educação, geralmente as escolas não se interessam nem se mobilizam com a situação dos atletas. Também não são muitos os treinadores que estão dispostos a flexibilizar horários de treinamento para que seus jogadores estudem. Conseqüentemente, o atleta que insistir em continuar os estudos enfrentará muitas dificuldades. São poucos os que chegam a tentar. Fabiana Marcelino Claudino¹², por exemplo, preferia não ter parado de estudar, mas não conseguiu adiar sua decisão. Saiu da escola assim que terminou o Ensino Fundamental. “Para falar a verdade, ninguém falou nada. Ninguém falou para eu continuar. E parar também, pelo que eu estava vendo ali era a única solução. E depois começou a aparecer seleção e ficava aquele negócio de oito meses treinando por conta de seleção”. (CLAUDINO, 9 out 2004).

No momento de decidir entre continuar a estudar e dedicar-se integralmente ao esporte, a perspectiva de independência financeira é o fator que mais pesa a favor da segunda opção. “Porque eles me pagavam, eu lembro que eles me pagavam um salário mínimo. Então com um salário mínimo eles calaram a minha boca. Que é mais ou me-

¹¹ Atleta da seleção brasileira de voleibol que disputou, aos 19 anos, as Olimpíadas de Atenas em 2004.

¹² Técnico de voleibol há 15 anos. Formado em Educação Física pela UFMG, pós-graduado em treinamento esportivo com ênfase em voleibol, técnico nacional nível II.

nos assim, você ganha um salário mínimo e deixa de estudar". (FRAGA, 2 jul 2004).

O discurso de que o jovem terá garantias de um futuro melhor no esporte do que seguindo uma carreira acadêmica é corriqueiramente repetido para os jovens como forma de incentivo a continuar no esporte. Como mostra a fala do treinador Emmanuel Arnot¹³:

Vou dar o exemplo, não vou citar o nome, de um atleta que a gente tinha do masculino. Eu me lembro que na época ele ganhava acho que 1500 reais, algo assim. E um dia ele disse: ah, estou cansado. Eu falei com ele, cara, que é isso, você tem que valorizar o que você tem. Você não sabe o que é trabalhar no mercado hoje para ganhar 1500 reais. Vários profissionais hoje têm um nível de responsabilidade muito grande, entram cedo, saem tarde, têm que cumprir horário. Aqui você vem, faz o que você gosta. E você vem, treina, vai embora, tem alimentação, tem casa, tem tudo. Tanto fez que saiu, tentou jogar em outro lugar, não conseguir, parou de jogar. E um belo dia encontro com ele. Ele falou, cara, não me esqueço de você me falando isso. Eu entro acho que nove horas, saio

seis, trabalho como representante comercial, tem mês que eu não tiro 500 reais. (ARNOT, 16 jun 2004).

Entretanto, se o esporte desse ao jovem a possibilidade de estudar ao invés de retirar dele este direito, ele teria chances dobradas de conquistar seu lugar ao sol, seja no esporte, realizando seu sonho de ser um campeão, seja em outra profissão. E se isto parece impossível devido às intensas rotinas de treinamento das equipes profissionais, é plenamente factível aos olhos do dirigente Luiz Eymard Zech Coelho¹⁴. "Se os clubes montassem suas grades de treinamento de acordo com a possibilidade de os atletas estudarem, não teria problema". (COELHO, 27 out 2004). Ele defende que, com formação acadêmica, esses atletas teriam uma condição muito melhor de iniciar novas carreiras profissionais após deixarem o esporte. Segundo ele, muitos técnicos apóiam esse sistema, mas para os altos dirigentes, é interessante que o atleta seja um profissional exclusivo, fique à disposição e treine o dia inteiro, por pensar que assim ele vai render mais.

Em sua dissertação de mestrado, o treinador Antônio Marcos

¹³ Ex-atleta de vôlei, disputou os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Dirige equipes profissionais de voleibol desde 1988.

¹⁴ Seis vezes em seleções brasileiras e estaduais, de base e adulta.

Lerbach buscou verificar as relações entre o nível de escolaridade e o desempenho tático de jogadores de voleibol de alto rendimento. A pesquisa concluiu que, além de auxiliar no desempenho dentro de quadra, o nível de escolaridade elevado, ao promover o autoconhecimento, ajuda a neutralizar fatores de ordem emocional que podem interferir negativamente no desempenho esportivo do atleta. Da mesma forma, os anos de frequência escolar, em que o indivíduo adquire experiências sociais e conhecimentos em diversas áreas, facilitariam, junto a outros fatores ligados ao desenvolvimento da personalidade, o exercício da liderança.

Ao discutir a evasão escolar ligada ao profissionalismo precoce de atletas, a falta de um diploma não é o ponto mais contundente, mas, sim, a deficiência educacional em todos os seus aspectos. "Ele pode até concluir a escola, porque infelizmente existem várias formas de se fazer isso no Brasil, mas há realmente um prejuízo muito grande na parte cultural, na parte de conhecimentos". (LIMA, 13 jul 2004). A primazia do resultado impede que ele tire bom proveito das oportunidades oferecidas pelo próprio esporte, como a de viajar e conhecer outras culturas. "Conheço todos os aeroportos, hotéis e ginásios do mundo". A frase é muito comum

entre atletas que competem em alto nível. De fato, eles viajam muito, mas a chance de conhecer um pouco mais sobre outras culturas e civilizações acaba sendo perdida por falta de tempo (o calendário de competições nacionais e internacionais profissionais é muito apertado) ou por falta de interesse, principalmente por parte dos treinadores.

Conseqüências para o futuro do atleta

Retomando a idéia de que, na representação midiática do esporte, a fórmula "dedicação = sucesso" é sempre verdadeira, duas observações se fazem necessárias, uma vez que se percebeu que ela está, de certa forma, presente também no discurso produzido sobre o esporte pelas pessoas que fazem o esporte. A primeira é a diferença na ênfase dada ao discurso. Enquanto a mídia enfatiza mais a segunda partícula da equação, ou seja, o sucesso, e confere ao esforço um lugar secundário no discurso, atletas, técnicos e dirigentes não acreditam em uma "lógica impecável" que leve ao sucesso. Ele só é conquistado com muito suor e sacrifício. "O esporte visa o resultado. E para você ter o resultado esportivo, o primeiro passo que você tem que ter, além do talento, é ter a determinação. É

se colocar o voleibol em primeiro plano na sua vida, acima da escola, acima da família, acima de tudo". (LIMA, 13 jul 2004). A lógica do sacrifício é tão naturalmente aceita no meio esportivo que leva o atleta a tomar decisões que, independentemente de seu sucesso, podem ser prejudiciais à sua saúde física e psicológica e à sua formação social e de caráter. As atletas Mariana Alves Casseiro, de 17 anos, e Luciana Adorno Rodrigues do Nascimento¹⁵, de 24, não têm dúvida quanto a ela: "Desde quando você escolheu essa carreira, você tem que abrir mão de muita coisa". (CASSEIRO, 9 out 2004).

Eu mesma tenho um primo que foi jogador profissional e ele até hoje é todo torto. Tem hérnia nas costas, na coluna, por causa de excesso de salto e até hoje, o joelho é meio duro. Eu sei que muito atleta fica com seqüela, sim, para o resto da vida pelo excesso de treinamento. Pelo excesso de exigência em cima das articulações, que eu acho que na verdade não são feitas para tamanha exigência. O atleta de alto nível precisa tanto do corpo para conseguir chegar em algum lugar e é o preço que se paga. (NASCIMENTO, 8 out 2004).

A segunda ponderação é que, também no meio esportivo, não se questiona o fato de que esforço e dedicação não garantem o

sucesso. Para que se tenha um exemplo, a Superliga feminina de voleibol 2003/2004 contou com dez equipes, cada uma com 15 atletas, em média. São 150 atletas, sem contar as que atuam no exterior, disputando 12 vagas na equipe nacional, que pode ser considerada o degrau máximo do voleibol. É importante perceber que essas 150 já fazem parte de um grupo de atletas de elite que têm o privilégio de viver exclusivamente do esporte. Outras tantas iniciam suas carreiras ainda bem jovens (entre 10 e 12 anos, no caso do vôlei) e, após alguns anos de luta e dedicação, acabam por perceber que não terão espaço nesse meio.

Conclusão

Ao contrário do atleta-herói, que é imortalizado ao ter seu nome gravado no hall dos grandes campeões e suas façanhas lembradas a cada nova edição dos Jogos, o indivíduo está sujeito à seqüencialidade de eventos em sua vida. Após um período de glória, ele envelhece e eventualmente abandona o esporte. Sua vida segue a linearidade baseada na objetividade com a qual a sociedade moderna conta e operacionaliza o tempo. Logo, mesmo bem sucedido e com um bom "pé de meia" ao fim de sua carreira, o atleta sofrerá, em sua vida pós-esporte, com a deficiência em

áreas como saúde e educação, que foram sobrepujadas durante sua vida adolescente e jovem.

O dinheiro costuma ser utilizado para justificar todo e qualquer tipo de exagero a que se expõe o atleta. Em uma sociedade capitalista, o argumento é válido e coerente. Entretanto, do ponto de vista de uma formação holística e voltada para a cidadania, ele é deficitário e superficial. Primeiramente porque nem todos os atletas que se dedicam inteiramente ao esporte, submetendo-se a todas as suas exigências, conseguem ter um salário suficientemente alto que o permita aposentar-se aos trinta e poucos anos em uma situação financeira estável. Em segundo lugar, porque, muitas vezes, o atleta vem de uma família cuja estrutura socioeconômica o permitiria alcançar uma boa qualificação profissional, mas deixa de persegui-la para dedicar-se ao esporte.

A conformação dos atletas frente à “necessidade” de sacrificar aspectos físicos, afetivos e acadêmicos de sua vida em nome da busca pela vitória ajuda a compreender a imagem do atleta que é promovida pela mídia, se analisada à luz dos pressupostos da teoria do Espiral do Silêncio. Considerando como sociedade as pessoas direta ou indiretamente envolvidas com a carreira do atleta – treinadores e outros profissi-

onais, companheiros de equipe, familiares e torcedores –, tem-se uma sociedade que ameaça, com o isolamento, os atletas desviados, que experimentam, então, um medo contínuo de serem isolados. No esporte, o isolamento pode ser compreendido como desde uma desconfiança por parte de treinadores e colegas em relação ao comprometimento do atleta para com os propósitos da equipe até seu completo desligamento desta. O medo faz com que os indivíduos procurem não questionar métodos e objetivos, mesmo que sejam sabidamente prejudiciais a vários aspectos de sua vida. A manutenção do clima de opinião acaba por influenciar o comportamento da mídia, que se propõe reflexo da realidade, fazendo com que ela reproduza o discurso prevalecente no meio esportivo.

O processo tem impacto sobre a opinião da sociedade, que tende a aceitar a opinião passada pelos meios de comunicação como representativa da opinião da maioria. Como membros da sociedade não envolvidos ou apenas indiretamente envolvidos com o esporte – torcedores e familiares – não conhecem a realidade do meio, acabam por perpetuar a “opinião da maioria” divulgada pelos meios de comunicação. Em um processo parecido com o da serpente que devora o próprio rabo, o ciclo se fecha entre o

que a mídia divulga e é aceito pela sociedade como verdade e o que a sociedade produz, com base em sua ignorância dos processos do esporte, como sendo opinião da maioria e é reproduzido pela mídia.

Não se pretende, com esta ponderação, isentar a mídia de sua responsabilidade para com a sociedade da qual se diz interlocutora. Resta, então, a tarefa de apontar as razões dos meios de comunicação ao ocultar aspectos "sombrios" do esporte em favor de outros mais glamourosos. O que parece mais coerente é relacioná-las ao processo de espetacularização do esporte. Em uma analogia com o

mundo da publicidade e do comércio, o esporte se transformaria em um produto vendável de entretenimento e que, portanto, devem ter expostas apenas suas características mais dignas. Como as imperfeições só são reveladas ao consumidor após a efetivação da compra, no caso do esporte, o consumidor seria o jovem aspirante a atleta, que se encanta com as imagens de seus ídolos e sonha em ter uma vida gloriosa como a deles. As imperfeições, ou seja, as dificuldades só lhe são reveladas depois de seu completo envolvimento com o mundo da competição, quando pode ter sua saúde, educação e futuro comprometidos.

Referências

- AFONSO, Nina Fernanda. Entrevista realizada em São Paulo em 9 out 2004.
- ALBUQUERQUE, Carlos Eduardo Pires e. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 24 jun 2004.
- ARNOT, Emmanuel. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 16 jun 2004.
- BIASI, Nelson. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 28 jun 2004.
- BRANDÃO Junito de Souza. *Mitologia Grega*, volume III. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CASSEMIRO, Mariana Alves. Entrevista realizada em São Paulo em 9 out 2004.
- CLAUDINO, Fabiana Marcelino. Entrevista realizada em São Paulo em 9 out 2004.
- COELHO, Luiz Eymard Zech. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 27 out 2004.
- DRUMMOND, Ivan; MEIRELES, Leonardo. Abaixo da expectativa. Estado de Minas, Belo Horizonte, 20 ago. 2004. *Olimpíada 2004*, p.3.
- DRUMMOND, Ivan; MEIRELES, Leonardo. Duplo twist frustrado. Estado de Minas, Belo Horizonte, 24 ago. 2004. *Olimpíada 2004*, p.6.

- DRUMMOND, Ivan; MEIRELES, Leonardo. Muito mais do que ouro. Estado de Minas, Belo Horizonte, 26 ago. 2004. Olimpíada 2004, p.3.
- FRAGA, Kely Kolasco. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 2 jul 2004.
- HELAL, R. Mídia e esporte: A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, 2003.
- LERBACH, Antônio Marcos. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 22 jun 2004.
- LERBACH, Antônio Marcos. O nível de escolaridade e o desempenho tático de jogadores de voleibol de alto rendimento. 2002. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – Unincor.
- LIMA, Wadson. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 13 jul 2004.
- NASCIMENTO, Luciana Adorno Rodrigues. Entrevista realizada em São Paulo em 8 out 2004.
- NOGUEIRA, Cláudio; LEON, Maura Ponce. Louvação ao sofrido povo brasileiro. O Globo, Rio de Janeiro, 30 ago 2004. Olimpíadas 2004, p.6.
- RIBAS, Lira Bastos Moreira. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 13 jul 2004.
- ROCHA, Everardo. A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad Ed., 1995.
- ROSEGUINI, Guilherme. Novos ricos. Folha de S.Paulo, São Paulo, 22 ago 2004. Atenas 2004, p.3.
- SCHELP, Diogo. A aposta do homem anfíbio. Veja, São Paulo, ano 37, nº33, 18 ago 2004, p.92-95.
- SILVA, Valeska. Jovens atletas sonham com Pequim. Hoje em Dia, Belo Horizonte, 6 set 2004. Esportes, p.4.
- TAKAGUI, Ana Tiemi. Entrevista realizada em São Paulo em 9 out 2004.
- VIEIRA, Paulo César. Entrevista realizada em Belo Horizonte em 24 jun 2004.

Contato:
velimabr@yahoo.com.br

Recebido:set/2005
Aprovado:mar/2006